



FILMES  
QUE AMO

— Lauro António

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 11 DE ABRIL, DE 2022 - 21H00**

**MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)**

## **E TUDO O VENTO LEVOU**

**Título original: Gone with the Wind**

**Realização: Victor Fleming, George Cukor, Sam Wood (EUA, 1939)**

### **1. CLÁSSICOS "RECUPERADOS"**



Como será de calcular, vi várias vezes ao longo da vida "E Tudo o Vento Levou". E sempre com grande agrado. Uma das últimas vezes que o vi, em sala, foi, no entanto, uma estranha sessão. Estava em projecção no antigo cinema Condes, em Lisboa, e era apresentado em 70 milímetros. Ora esta película datava de 1939, tinha sido rodada em 35 milímetros, num normalíssimo Technicolor, em ecrã de proporções médias na época (1,37:1), numa câmara Bell & Howell 2709. Na sua versão inaugural durava 3 horas e 58 minutos, ou seja 238 minutos, o que foi variando em relançamentos futuros (223 min, 1969; 234 min, 1985; 224 min, 1994; 233 min, em 1989, e mais recentemente 226 min.). Mas nos anos 60, precisamente em 1967, foi adaptada a 70 mm

e relançada internacionalmente numa versão que adulterava completamente a obra inicial. O filme surgia "esticado", amputado de uma fatia em cima e/ou em baixo, destruindo por completo a unidade criada em 1939. Os produtores, neste caso a Selznick International Pictures e a Metro-Goldwyn-Mayer, senhores onnipotentes da obra, não dando qualquer satisfação aos seus argumentistas e realizadores (neste caso David Selznick terá sido mesmo o principal responsável pela versão final, tendo substituído realizadores e impondo uma montagem à sua imagem).

Esta prática foi consequência de uma certa mentalidade predominantemente comercial que procurou colocar de novo em "estreia", certas obras que, no passado, tinham sido grandes sucessos de bilheteira e que tentavam "reabilitar" através de uma nova roupagem. A adaptação das dimensões dos ecrãs foi um dos subterfúgios encontrados, por vezes imposto por necessidades de acomodar ao pequeno ecrã das televisões obras rodadas inicialmente em cinemascope. Através de uma técnica conhecido por "Pan & scan", utilizava-se um método pelo qual se recortava um filme filmado em widescreen, para preencher um ecrã quase quadrangular, como o de um televisor.



Mas, por essa altura, surgiria outra novidade, que criou igualmente grande polémica entre os espectadores. A colorização digital de certas obras que tinham sido filmadas a preto e branco. Assim, filmes como "À Beira do Abismo", "Ter ou não Ter", "O Anjo Azul", "O Garoto de Charlot" poderiam ressurgir no mercado, sobretudo nos canais de televisão, ou nas cassetes de vídeo, "devidamente" colorizadas. Portanto, obras que tinham sido concebidas para serem vistas a preto e branco, por vezes em magníficas fotografias de um admirável painel de cinzentos ou alto contraste, passaram a ser vistas num colorido desmaiado, que lhes retirava a magia dos tempos

iniciais e nada lhes acrescentava de novo. Nem sequer provocou o gosto de ver filmes que de outra forma não seriam apreciados. Quem será que gostaria de ver "Casablanca" a cores?

Outro caso que divide opiniões, mas de que sou um intransigente defensor, é "ouvir" os filmes na sua versão original, e não através de dobragens, que igualmente deturpam a qualidade inicial de qualquer filme. Mas deste aspecto já aqui falei em anteriores comentários. Já vos contei do meu trauma ao ouvir em Espanha Gary Cooper pedir num saloon "Me da um whisky".

## 2. E TUDO O VENTO LEVOU



Há, realmente, filmes cíclicos. Parafraçando Luís de Sttau Monteiro, diria que eles renascem "todos os anos pela Primavera". Com rigor, não será bem assim, mas a verdade é que certos filmes regressam sempre. Em qualquer época do ano. Esse é o caso de "E Tudo o Vento Levou", obra de

1939, que se tornou num clássico indiscutível, arregimentando novas massas de espectadores de cada vez que salta para as salas, e também para os ecrãs da televisão.

E, todavia, se a grandeza épica e a densidade romântica de "E Tudo o Vento Levou" são indiscutíveis, a verdade é que a obra justificará igualmente algumas reservas e críticas, sobretudo num plano ideológico, reflexo de uma mentalidade bastante conservadora, para não se lhe chamar algo pior. Tal como "O Nascimento de uma Nação", de David W. Griffith, uma obra-prima incontestável e panfletário depoimento sulista onde se chegava mesmo à exaltação despudorada da Ku Klux Klan, também "E Tudo o Vento Levou" se apresenta como película essencialmente sulista, conservadora e marialva, com resquícios de um certo racismo, numa criteriosa congregação de "virtudes" como poucas vezes o cinema nos oferece, pelo menos de forma tão evidente e ingénua (ou despudorada). A qualidade formal da obra e o vigor dramático da sua concepção romanesca permitem-nos, no entanto, que a olhemos mais como testemunho de uma época e de uma mentalidade do que como mero panfleto. Na verdade, a obra reflecte o ambiente social do período em que foi concebida.

Num plano ideológico, tudo é claro e se percebe de imediato: a pureza da causa sulista aparece alicerçada em virtudes de honra e patriotismo, de paternalismo esclavagista, de virilidade heroica, de destemor; o equilíbrio sagrado que o Sul prefigurava exemplarmente até à guerra, equilíbrio esse que colocava criteriosamente de um lado os escravos, do outro o remanso das grandes casas senhoriais; a inferioridade da raça negra, homens e mulheres que são amigos dos seus patrões, mas incapazes de se governarem sozinhos; a flagrante soberba dos nortistas invasores, que trazem consigo a injustiça, a morte, a dor, e tiranizam as "pobres e indefesas" populações do Sul; a fraqueza congénita da mulher e a sua contínua necessidade de protecção (enfim, abra-se uma honrosa excepção para a temperamental Scarlett O'Hara), etc.

Nítidas distinções entre raças, sexos, culturas, mentalidades, eis a súpula de "E Tudo o Vento Levou" que, apesar deste retrato redutor de uma sociedade, acaba, quem sabe se involuntariamente, por reflectir muitos dos fantasmas e das obsessões de um país bicentenário.

Partindo de um "best-seller" de Margareth Mitchell e concentrando a atenção sobretudo nas personalidades de Scarlett O'Hara (Vivien Leigh) e Rhett Buttler (Clark Gable), o filme restitui-nos um painel evocativo de uma época da história dos EUA, desde os anos que antecederam a Guerra da Secessão, até ao período de reconstrução que se seguiu a esse conflito fratricida. Uma ordem feudal e rural que se substitui pelo progresso industrial que desce do Norte. A escravatura instituída por decreto, que cede perante os interesses da industrialização emergente. A vida familiar e patriarcal de uma certa aristocracia sulista destruída pela máquina da burguesia ascendente. Pelos olhos de Scarlett O'Hara perpassam os dias de ventura e abastança, as horas de dor e de morte, com feridas fracturantes, os anos de miséria e fome, a luta pela terra. Finalmente, a jura que se cumpre e o regresso à abundância, custe o que custar, custe a quem custar.

Quatro horas de espectáculo a troco da eternidade. O romantismo de "E Tudo o Vento Levou" é envolvente. Sobre a silhueta de um monte, com a ramagem das árvores por limites, o beijo de Scarlett e Buttler, em contra-luz, recorta-se de um pôr-do-sol vermelho de sangue e de desejo. Assinado por Victor Fleming, "Gone With the Wind" foi, no entanto, rodado inicialmente por George Cukor, que definiu a personagem de Scarlett O'Hara, e depois também por Sam Wood. O resultado não será um "filme de autor", mas o testemunho de uma época (neste caso, um filme de produtor, David O. Selznick, aqui no auge da sua inspiração), brilhante exercício de uma equipa bem comandada, que atinge o requinte formal e plástico. As qualidades narrativas são, aliás, flagrantes. Sobretudo na primeira metade da obra, onde se atinge um vigor impressionante, nomeadamente nas sequências de guerra, verdadeiramente antológicas.

Recordam os historiadores que os papéis de Rhett Buttler e de Scarlett O'Hara estiveram para ser atribuídos a vários actores, entre eles Errol Flynn e Bette Davis. O destino, porém, se encarregaria de juntar duas personalidades que para sempre permaneceriam ligadas, num dos mais lendários casais da história do cinema: Vivien Leigh, com a sua força e raiva, que oscila entre o fascínio e a antipatia, terá assegurado uma das figuras femininas mais complexas e fabulosas da história do cinema. É o relampejar fulgurante de uma actriz no máximo das suas possibilidades encantatórias. Clark Gable, por seu turno, arrebatado e distante, aventureiro do mistério e arrivista de um novo mundo, traça igualmente uma personagem insubstituível. Eles, e todo o filme, são bem a expressão de uma mensagem de indiscutível confiança e esperança nos destinos da América, o rosto de uma nação que tenta reerguer-se com tenacidade da derrocada imposta pela Grande Depressão. A não perder.



## **E TUDO O VENTO LEVOU**

Título original: Gone with the Wind

Realização: Victor Fleming, George Cukor, Sam Wood (os dois últimos não créditos) (EUA, 1939); Argumento: Sidney Howard, Oliver H.P. Garrett, Ben Hecht, Jo Swerling, John Van Druten, segundo romance de Margaret Mitchell; Produção: David O. Selznick; Música: Max Steiner; Fotografia (cor): Ernest Haller, Lee Garmes; Casting: Charles Richards, Fred Schuessler; Design de produção: William Cameron Menzies; Direcção artística: Lyle R. Wheeler; Decoração: Howard Bristol; Guarda-roupa: Walter Plunkett; Maquilhagem: Sydney Guilaroff, Ben Nye, Hazel Rogers, Paul Stanhope, Monte Westmore; Direcção de

produção: Raymond A. Klune, William J. Scully; Assistentes de realização: Eric Stacey, Peter Ballbusch, Ridgeway Callow, B. Reeves Eason, Arthur Fellows, James A. FitzPatrick, Harve Foster, Chester M. Franklin, William Cameron Menzies, John Sherwood, Ralph Slosser; Departamento de arte: Hobe Erwin, Joseph B. Platt, Henry J. Stahl; Som: Frank Maher, Thomas T. Moulton; Efeitos especiais: R.D. Musgrave, Lee Zavitz; Efeitos visuais: Jack Cosgrove; Companhias de produção: Selznick International Pictures, Metro-Goldwyn-Mayer; Intérpretes: Vivien Leigh (Scarlett O'Hara), Clark Gable (Rhett Butler), Leslie Howard (Ashley), Olivia de Havilland (Melanie Hamilton), Thomas Mitchell (Gerald O'Hara), Barbara O'Neil (Ellen O'Hara), Evelyn Keyes (Suellen), Ann Rutherford (Carreen), George Reeves (Stuart Tarleton), Fred Crane (Brent Tarleton), Hattie McDaniel, Oscar Polk, Butterfly McQueen, Victor Jory, Everett Brown, Howard C. Hickman, Alicia Rhett, Rand Brooks, Carroll Nye, Laura Hope Crews, Eddie 'Rochester' Anderson, Harry Davenport, Leona Roberts, Jane Darwell, Ona Munson, Paul Hurst, Isabel Jewell, Cammie King Conlon, Eric Linden, J.M. Kerrigan, Ward Bond, Jackie Moran, Cliff Edwards, Lillian Kemble-Cooper, Yakima Canutt, Marcella Martin, Louis Jean Heydt, Mickey Kuhn, Olin Howland, Irving Bacon, Robert Elliott, William Bakewell, Mary Anderson, etc. Duração: 238 minutos (versão restaurada); Distribuição em Portugal: Warner Bros. (DVD); Classificação etária: M/12 anos; Estreia em Portugal: 20 de Setembro de 1943.

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 18 DE ABRIL, DE 2022**

**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 21H00 (entrada livre)**

## **A ESTRANHA PASSAGEIRA**

Título original: Now, Voyager

Realização: Irving Rapper (EUA, 1942)

Duração: 117 minutos | M/12